

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Pedagogia

Aparecida Santos Oliveira

**Convergências pedagógicas entre os projetos de educação popular dentro
do CEPA/Caruaru**

Caruaru
2018

Aparecida Santos Oliveira

Convergências pedagógicas entre os projetos de educação popular dentro do CEPA/Caruaru

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Allene Carvalho Lage

Caruaru
2018

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

O48c

Oliveira, Aparecida Santos.

Convergências pedagógicas entre os projetos de educação popular dentro do
CEPA/Caruaru. / Aparecida Santos Oliveira. - 2018.

45f. ; il.: 30 cm.

Orientadora: Allene Carvalho Lage.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2018.

Inclui Referências.

1. Educação popular. 2. Emancipação. 3. Projetos educacionais. 4. Centro de
Educação Popular Assunção (CEPA). I. Lage, Allene Carvalho (Orientadora). II. Título.

370 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2018-085)

Aparecida Santos Oliveira

Convergências pedagógicas entre os projetos de educação popular dentro do CEPA/Caruaru

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 18/07/2018

Banca Examinadora

Prof. Dra. Allene Carvalho Lage

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Me. Maisa dos Santos Farias

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Me. Paloma Raquel de Almeida

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Caruaru
2018

Dedico este trabalho a Deus, razão da minha existência, e aos meus pais, que me inspiram todos os dias a seguir em busca dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente expresso minha gratidão a Deus, ele que é essencial em minha vida, a força que me mantém de pé, o escudo que me protege. Ele que em sua inquestionável perfeição tem guiado cada passo da minha vida, conduzindo-me por caminhos inimagináveis.

Agradeço também a toda minha família, minha preciosidade, principalmente aos meus pais, Severina e Ademilson, e ao meu irmão José Carlos, eles que são a razão de toda a caminhada, os pilares que me sustenta, a força que me impulsionam a seguir. Eles que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui, sonharam junto comigo, compartilharam conquistas, alegrias, medos, angústias e madrugadas em claro para concluir este e tantos outros trabalhos. Aos tios/as e primos, que juntamente com meus pais, me apoiarem e estiverem sempre presente, partilhando comigo cada etapa, dando conselhos, incentivando a seguir sempre em frente, torcendo para que tudo ocorresse bem nas provas, apresentações de seminários, entregas de trabalhos, submissões e apresentações em congressos, e principalmente, para que tudo desse certo neste trabalho.

De modo especial, agradeço também as colegas de Curso, que foram muito importantes nessa caminhada. Simonne, que esteve comigo desde o dia do vestibular, formando uma parceria nas aventuras e nos trabalhos; Janaina, que com seu jeito calmo, muito me ensinou, principalmente nos dia mais em que achávamos que nada daria certo; Gabi, a quem sou grata por todo carinho, e por ser esse ser humano incrível que transmite a palavra e o amor de Deus às pessoas. E Gisele, por ter se demonstrando essa amiga incrível com o coração enorme, por me ouvir nos meus momentos de estresse, pela parceria nos trabalhos, e por parar seus compromissos para ler inúmeras vezes este trabalho. Minha gratidão a vocês, por terem tornando a caminhada mais leve, por compartilhar tantas inseguranças e ao mesmo tempo tantas risadas.

Agradeço também de modo especial, a minha orientadora, Prof^a Dr. Allene Lage, pela disponibilidade, paciência, generosidade, e por todas as orientações que foram imprescindíveis para a realização deste trabalho. E aos demais professores do Curso de Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste, pois, cada um a seu modo, deixou um pouco de si na pessoa e profissional que vou me tornando a cada dia.

Ao Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), por abrirem as portas para mim, pela generosidade e carinho expresso nos gestos de cada pessoa que tive o prazer de conhecer e conviver, embora que por um curto período de tempo. Obrigada pela ajuda neste processo de construção constante em que vivemos, e por instigarem em mim a busca de ser a cada

gesto, a cada palavra um ser humano melhor. Obrigada por reacenderem a esperança em dias melhores frente a estes caos que vivemos cotidianamente, a falta de sensibilidade, de respeito para com o outro, de reconhecimento de si enquanto autor social da história.

E a todas as pessoas que modo direto e indireto contribuiu no meu processo de formação.

“Ao aprender a ler e a pensar criticamente, o indivíduo desenvolve o hábito de pensar a prática; os indivíduos aprendem a dizer o que pensam, o que desejam, o que sonham e o que aspiram, para si e para seus entes, sua comunidade, seu país, etc”.

(Maria da Glória Gohn)

RESUMO

Entendemos por convergências pedagógicas as diversas possibilidades pedagógicas que se aproximam de princípios políticos comuns presentes em projetos de intervenção educacional. Nesse sentido, o presente trabalho discute sobre convergências pedagógicas entre projetos de educação popular, considerando que os espaços destinados à educação popular, desenvolvem uma importante atividade social no sentido de contribuir para o processo de emancipação dos sujeitos, principalmente aqueles que atuam com grupos sociais excluídos ou em risco de exclusão social. Do ponto de vista teórico, partimos desse objetivo e buscamos dialogar com autores como: Freire (1981 e 2005); Brandão (2006); Lage (2013); Gohn (2013), dentre outros. A perspectiva metodológica foi definida como uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2009), do tipo explicativa (GIL, 2010), na qual se procurou compreender que convergências pedagógicas são possíveis entre os projetos de educação popular, tendo como campo de estudo o Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), situado no município de Caruaru – PE. Para atender a esta finalidade, a pesquisa esteve baseada no Método do Caso Alargado (SANTOS, 1983), possibilitando compreender os fenômenos da organização social estudada de uma forma holística, utilizando técnicas de coleta de dados diversas, tais como: observação participante, entrevistas semiestruturadas e conversas informais, de modo a atender as oportunidades de compreensão que os encontros no campo puderam oferecer. No que se refere aos resultados deste trabalho, os mesmos apontam para o fato de que através do ambiente educativo dialógico, em que os/as educadores/as se colocam na posição de mediadores/as de conhecimento, as práticas educativas de um modo geral, são realizadas visando o fortalecimento das potencialidades dos educandos e educandas através de uma educação emancipatória, que permite aos/as sujeitos/as serem protagonistas de suas histórias, reconhecendo a importância de sua voz perante as demandas sociais do contexto no qual estão inseridos/as, percebendo a sua importância como ator social.

Palavras-Chaves: Educação Popular. Convergências Pedagógicas. Emancipação Social

ABSTRACT

We understand by pedagogical convergences the different pedagogical possibilities that approach common political principles present in projects of educational intervention. In this sense, the present work discusses pedagogical convergences among popular education projects, considering that the spaces destined to the popular education, develop an important social activity in the sense of contributing to the emancipation process of the subjects, mainly those that work with excluded social groups or at risk of social exclusion. From the theoretical point of view, we start from this objective and seek to dialogue with authors such as: Freire (1981 and 2005); Brandão (2006); Lage (2013); Gohn (2013), among others. The methodological perspective was defined as a qualitative research (MINAYO, 2009), of the explanatory type (GIL, 2010), in which it sought to understand that pedagogical convergences are possible among popular education projects, having as a field of study the Popular Education Center Asunción (CEPA), located in the municipality of Caruaru - PE. In order to meet this objective, the research was based on the Alargado Case Method (SANTOS, 1983), making it possible to understand the phenomena of the studied social organization in a holistic way, using several data collection techniques such as participant observation, semi-structured interviews and informal conversations, in order to meet the opportunities of understanding that the encounters in the field could offer. With regard to the results of this work, they point out the fact that through the dialogical educational environment, in which educators place themselves in the position of mediators of knowledge, the educational practices in general are carried out aiming at the strengthening of the the potentialities of learners and learners through an emancipatory education that allows subjects to be protagonists of their stories, recognizing the importance of their voice to the social demands of the context in which they are inserted, perceiving their importance as a social actor.

Keywords: Popular Education. Pedagogical Convergences. Social Emancipation

SUMÁRIO

1		
1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos da Pesquisa.....	14
1	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	Educação Popular	14
2.2	Educação Popular e Movimentos Sociais	16
2.3	Educação Popular como Instrumento de Emancipação Social.....	18
3	METODOLOGIA	20
3.1	Tipo de Estudo	20
3.2	Método da Pesquisa	20
3.3	Delimitação e Local da Pesquisa	21
3.4	Fontes de Informação	22
3.5	Técnicas de Coleta	22
3.6	Registro do Campo	24
3.7	Análise e Sistematização de Dados.....	24
4	O CASO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR ASSUNÇÃO – CEPA	26
4.1	Contexto Histórico	26
4.2	Projetos Educativos	28
4.2.1	Projeto Aprender e Tatear (Educação Infantil)	29
4.2.2	Projeto Consultório Dentário.....	30
4.2.3	Projeto Arte CEPA	30
4.2.4	Informática Básica	32
4.2.5	Oficina de Produção Audiovisual	33
4.2.6	Metareciclagem (Manutenção de Computadores)	34
5	ANÁLISE DOS DADOS	36
6	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Considerando que a educação se desenvolve não apenas no ambiente escolar, mas também nos diversos espaços educativos que trabalham na perspectiva da formação humana dos sujeitos, destacamos os espaços destinados à educação popular, que desenvolvem uma importante atividade social no sentido de contribuir para o processo de emancipação dos sujeitos, principalmente aqueles que atuam com grupos sociais excluídos ou em risco de exclusão social.

E segundo Lage (2013), as experiências de educação que vem sendo produzidas dentro dos movimentos sociais e/ou espaços de educação não formal vêm se consolidando como um processo educativo que traz a concepção do aprender político, conduzindo o sujeito a compreender a importância do conhecimento como uma construção histórico-social, fundada numa relação de troca de saberes. Convergente a esta ideia, podemos situar o pensamento de Gohn (2011), quando fala que

[...] a educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento que abrange territórios fora das estruturas curriculares da educação formal. Tem como escopo de trabalho a formação do indivíduo para o mundo, abrindo janelas para novos conhecimentos, criando canais de aprendizagem que poderão levar os indivíduos à emancipação de formas de pensar e agir social (GOHN, 2011, p.12).

Sendo assim, estes espaços trabalham na perspectiva de formar sujeitos críticos e reflexivos de sua própria realidade, a partir de uma educação transformadora que abra janelas para novas descobertas, tal como Gohn (2011) nos aponta, principalmente, tendo em vista que em sua maioria, estes espaços estão inseridos em um contexto de vulnerabilidade, e por isso, buscam através de um trabalho social e de projetos educativos, instigar a busca pelo conhecimento.

Logo, a motivação em pesquisar o tema deu-se a partir das vivências no processo de formação acadêmica, nas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica III – Movimentos Sociais¹ e Estágio Supervisionado III – Movimentos Sociais², que me propiciaram conhecer a educação além das dimensões escolares e, por conseguinte, a relevância das ações educativas desenvolvidas nos espaços de educação não formal, principalmente, aqueles destinados à educação popular, que carregam consigo um compromisso com a transformação social da realidade na qual estão inseridos.

¹ Componente curricular do Curso de Pedagogia, ministrado pela Professora Allene Lage

² Componente curricular do Curso de Pedagogia, ministrado pela Professora Jaqueline Barbosa

Desse modo, levando em consideração as discussões realizadas através destas disciplinas na sala de aula e a aproximação propiciada com estes espaços, notou-se que estes, a fim de contribuir no processo de transformação social, desenvolvem um conjunto de atividades por meio de projetos e/ou oficinas diversas, de modo a atender à seus objetivos para com o público atendido, o que gera a inquietação a respeito de como estas ações educativas desenvolvidas na instituição se relacionam entre si.

Nesta perspectiva, este trabalho ancora-se na possibilidade de que através desta pesquisa, novas pesquisas possam vir a surgir, e conseqüentemente, a temática possa ganhar maior visibilidade, pois, mesmo que com o passar do tempo a educação não formal venha ganhando espaço no contexto das produções acadêmicas, na realização do estado da arte ainda foi constatada uma escassez de pesquisas sobre esta temática. Neste sentido, “pesquisar sobre o caráter, a natureza e o sentido das práticas educacionais não formais é contribuir para o desenvolvimento da educação como um todo, e para os processos de emancipação e autonomia dos cidadãos(as) em particular” (GOHN, 2011, p.15)

No que diz respeito à realização da pesquisa do estado da arte, foi escolhido o banco de dados da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, tendo em vista que este é o lugar privilegiado da produção e divulgação do conhecimento em educação, apresentando desde 1978 um leque de pesquisas nesta área, comprometida com as lutas em prol da universalização e desenvolvimento da educação no Brasil.

Assim, considerando que nosso objeto de estudo gira em torno das convergências pedagógicas entre projetos de educação popular, realizamos nossa pesquisa no GT 03, onde se encontram os trabalhos mais atuais sobre movimentos sociais e educação, e no GT 06, sobre educação popular. Sendo assim, a fim de identificar o que vem sendo produzido acerca da temática, tomamos como base as seis últimas reuniões, a 38ª, 37ª, 36ª, 35ª, 34ª e 33ª, realizadas nos anos de 2017, 2015, 2013, 2012, 2011 e 2010.

Quadro 1 – Total de Trabalhos Levantados no GT 03 – Movimentos Sociais e Educação e GT 06 – Educação Popular na ANPED no Período de 2010 a 2017

FONTE DE PESQUISA – ANPED				
Reunião Anual (RA)	TOTAL DE TRABALHO DO GT 03 – MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO	Relação com o Objeto	TOTAL DE TRABALHO DO GT 06 - EDUCAÇÃO POPULAR	Relação com o Objeto
38ª – 2017	21	0	20	0
37ª – 2015	3	0	18	0
36ª – 2013	8	0	12	0
35ª – 2012	15	0	13	0
34ª – 2011	17	0	10	0
33ª – 2010	12	0	10	1
Total	76	0	83	1

Fonte: Dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br>

Encontramos o total de 159 trabalhos nos dois GTs pesquisados, nas edições de 2010 a 2017, entretanto, destes apenas um trabalho relaciona-se como nosso objeto de estudo, trabalho de autoria de Paulo Everaldo Fensterseifer (2010), intitulado “Educação popular e paradigmas emancipatórios”, que vem apresentar a problemática da Educação Popular (EP) em uma perspectiva emancipatória a partir do contexto escolar, levando em consideração a possibilidade de pensá-la em um novo paradigma, definido pelos marcos jurídico-políticos de uma sociedade republicana e democrática.

Diante disso, pode-se notar que pelo menos no âmbito da ANPED, pouco se discutiu sobre convergências pedagógicas entre projetos de educação popular, pois, não encontramos trabalhos que comungam desta perspectiva, cabendo ressaltar que, entendemos convergências pedagógicas como as possibilidades pedagógicas que se aproximam para um mesmo princípio epistemológico de prática do conhecimento. Deste modo, nossa problemática de pesquisa é:

Que convergências pedagógicas são possíveis entre os projetos de educação popular dentro do CEPA/CARUARU?

1.1 **Objetivos da Pesquisa**

O objetivo principal desta pesquisa é compreender que convergências pedagógicas são possíveis entre os projetos de educação popular dentro do CEPA/CARUARU.

Entre os objetivos específicos, podemos destacar os seguintes:

- Identificar os princípios pedagógicos dos projetos educativos do CEPA;
- Caracterizar as contribuições da educação popular como instrumento de emancipação de crianças e adolescentes em risco de exclusão;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A base do pensamento teórico desta pesquisa é: Freire (1981 e 2005); Brandão (2006); Batista (2007); Carrillo (2013); Lage (2013); Gohn (2013), dentre outros.

2.1 Educação Popular

Dados os diversos sentidos atribuídos à Educação Popular (EP), para fins deste trabalho destacamos que,

[...] a *educação popular* é uma prática social. Melhor, é um domínio de convergência de práticas sociais que têm a ver, especificamente, com a questão do conhecimento. Com a questão da possibilidade da construção de um saber popular. Da apropriação, pelas classes populares, do seu próprio saber [...] (BRANDÃO, 2006, p.50).

Desse modo, “A EP se inscreve no amplo campo do pensamento crítico, sendo herdeira de uma velha tradição: a de transformar o conjunto social, privilegiando a educação como ferramenta fundamental” (Pérez, 2000 *apud* CARRILLO, 2013, p.16), no processo de ressignificação do saberes populares.

Concordamos com os autores, pois, a EP tem se tornado uma importante dimensão educativa com o propósito da formação de sujeitos críticos e reflexivos de sua realidade, a fim de atuarem como atores sociais contribuintes no processo de transformação social. Nesta perspectiva, destacamos que,

A educação popular promove a cidadania, a emancipação humana, a cultura democrática e solidária e norteia-se pela liberdade, para além da liberdade da ideologia liberal/neoliberal. Ela se apresenta como construção coletiva de resistência, de enfrentamento às imposições das políticas educativas oficiais e como negação da negação ao direito à educação (BATISTA, 2007, p. 221)

E ainda de acordo com Brandão (2006)

[...] se realiza em todas as situações onde, a partir da reflexão sobre prática de movimentos sociais e movimentos populares (as “escolas” onde tem sentido uma educação popular “ensinar”), as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam (BRANDÃO, 2006, p.50).

Através das contribuições de Batista (2007) e Brandão (2006), podemos pensar a EP enquanto uma dimensão educativa que favorece o desenvolvimento da criticidade dos sujeitos

por meio da construção coletiva do conhecimento, potencializando o enfrentamento da descriminalização que vem sofrendo neste modelo de sociedade, fazendo com que os saberes populares sejam ressignificados, fortalecidos e valorizados, tendo em vista que

- 1) a educação popular é, em si mesma, um movimento de trabalho pedagógico que se dirige ao povo como um instrumento de conscientização etc.; 2) a educação popular realiza-se como um trabalho pedagógico de convergência entre educadores e movimentos populares, detendo estes últimos a razão da prática e, os primeiros, uma prática de serviço, sem sentido em si mesma; 3) a educação popular é aquela que o próprio povo realiza, quando pensa o seu trabalho político — em qualquer nível ou modo em que ele seja realizado, de um grupo de mulheres a uma frente armada de luta — e constrói o seu próprio conhecimento (BRANDÃO, 2006, p.52).

Tal como nos afirma Brandão (2006), esta educação tem um papel central em meio às camadas populares, potencializando a conscientização dos sujeitos através de um trabalho pedagógico, coletivo e convergente entre educadores populares e movimentos populares. Tem a finalidade de desenvolver o posicionamento crítico frente à realidade a qual estes sujeitos fazem parte, de modo a intensificar a participação popular frente às demandas do coletivo.

Logo, a EP torna-se um instrumento de conscientização popular, que é construído com o povo, a partir de suas lutas por melhores condições de vida em todos os âmbitos (educativos, sociais, políticos, econômicos, culturais), “[...] visando não só à construção de saberes, mas também ao fortalecimento das organizações populares” (GADOTTI, 2012, p.22).

Nesta perspectiva, cabe destacar que “o lugar estratégico que funda a educação popular é o dos movimentos e centros de cultura popular: movimentos de cultura popular, centros populares de cultura, movimentos de educação de base, ação popular” (BRANDÃO, 2006, p.46), em um contexto de lutas sociais e resistências, defendendo que os diversos grupos sociais possuíam especificidades e a educação necessitava atender às necessidades destes grupos, se organizando de modo a dialogar como os diversos saberes. Sendo assim, esta educação se constitui como “um conjunto de atores, práticas e discursos que se identificam em torno de umas ideias centrais” (TORRES, 2011 *apud* GADOTTI, 2012, p. 22).

E, em meio ao processo de lutas sociais e formação humana advindas do contexto, ancorados em Brandão (2006) destacamos que

[...] o que tornou historicamente possível a emergência da educação popular foi a conjunção entre períodos de governos populistas, a produção acelerada de uma intelectualidade estudantil, universitária, religiosa e partidariamente militante, e a conquista de espaços de novas formas de organização das classes populares. (BRANDÃO, 2006, p.46)

Desse modo, nota-se que a educação popular parte do aprender político, de uma educação transformadora, com o princípio básico da formação de sujeitos reflexivos e com a finalidade de pensar o indivíduo a partir da sua historicidade, reconhecendo-o como ser inacabado e contribuindo para a reconfiguração das relações sociais, permitindo o diálogo entre as culturas. Além de que, a educação popular vem se desenvolvendo ao longo dos tempos enquanto uma dimensão educativa necessária para a superação da condição marginalizada de inúmeros grupos sociais, desenvolvida no sentido de favorecer as potencialidades dos sujeitos inseridos nestes grupos para que possam atuar efetivamente no processo de resistência e transformação social da realidade.

2.2 Educação Popular e Movimentos Sociais

Vale ressaltar que “[...] a educação popular, como prática educativa e corrente pedagógica, está presente em diversos lugares sociais: coletivos e organizações de base, movimentos sociais, organizações civis, experiências escolares e culturais, etc” (CARRILLO, 2013, p.19), pois, “entre as características da educação popular está a de acompanhar o movimento da sociedade, buscando sempre novos espaços para a sua realização” (STRECK, 2010 *apud* SOUZA, 2013, p.250).

Nesse contexto, a educação popular não se limita a um único espaço de atuação, mas, acompanha o movimento da sociedade para se fazer presente em diversos espaços e contextos. E estes espaços onde ela se realiza, desenvolvem uma importante atividade social no sentido de contribuir para o processo de emancipação dos sujeitos, através de ações educativas que visam à conscientização e o fortalecimento de suas potencialidades enquanto cidadãos ativos diante das necessidades de mudanças sociais, pois, nas ações desenvolvidas nestes espaços, segundo Batista (2007, p.220)

Ressaltam-se aspectos políticos como a contestação e a resistência ao modelo de sociedade e de história, ao qual os movimentos se contrapõem quando questionam *o modo de ser* da sociedade capitalista atual e a cultura de dominação, a mercantilização da vida em todos os espaços que ela reproduz e consolida. A educa(a)ção popular nos movimentos sociais mostra que é possível mudar, que há possibilidade de no presente se construir uma nova sociedade com novas relações sociais e novos sujeitos coletivos que se pautem em relações de solidariedade, igualdade, de respeito, coletividade [...]

Assim, a educação desenvolvida nos diversos espaços educativos que trabalham na perspectiva da formação humana dos sujeitos, segundo Lage (2013, p. 32) “adquire dimensões

mais amplas que ultrapassam as fronteiras da leitura e compreensão dos livros para a leitura e compreensão do mundo, de modo a contribuir para a construção de sujeitos políticos”. E no que diz respeito à leitura e compreensão do mundo, ela se dá através da retomada de velhos temas e incorporação de novos, tais como: “o tema das migrações, da diversidade, o lúdico, a sustentabilidade, a interdisciplinaridade, a intertransculturalidade, a questão de gênero, idade, etnia, sexualidade, desenvolvimento local, emprego e renda” (GADOTTI, 2012, p. 22)

Nesse contexto, Batista (2007) ao discutir sobre as dimensões da educação popular nos movimentos sociais, acrescenta na nossa discussão ao enfatizar que

Nos movimentos sociais as práticas educativas são libertadoras, são ações culturais dialógicas que têm o oprimido e seu mundo, sua cultura como pontos de partida para extorção da cultura dominante em busca de uma consciência crítica, da liberdade, da formação humana numa perspectiva de igualdade, liberdade, solidariedade, diferente das práticas educativas bancárias dominadoras, silenciadoras, subordinadoras presentes na lógica das relações dominantes (BATISTA, 2007, p.226).

Deste modo, a partir das contribuições de Batista (2007) compreendemos a importância da educação popular desenvolvida dentro dos movimentos sociais, que se opõe a uma prática em que não há perspectiva de diálogo sobre o conhecimento. E nesse contexto, percebemos a educação popular como um grande avanço no processo de aprendizagem dentro dos movimentos sociais, a partir de um estudo crítico da realidade, favorecendo uma mudança de percepção em relação à estrutura social, tendo em vista que, “[...] por sua articulação com as lutas e movimentos populares, a educação popular incorpora como prática permanente a realização de leituras críticas dos contextos locais, nacionais e continentais” (CARRILLO, 2013, p.19).

Nesta perspectiva, Souza (2013) afirma que a educação popular é

[...] impulsionadora e ao mesmo tempo resultante dos Movimentos Sociais que lutam por justiça e vida digna para todas as pessoas, o que lhe confere uma perspectiva humanizadora, libertadora e não doutrinária. Dentro dessa perspectiva, tão importante quanto os conteúdos trabalhados são as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos no processo educativo e os horizontes perseguidos por esses sujeitos, o que inclui reflexão e ação coletiva (SOUZA, 2013, p.250).

Logo, Souza (2013) vem reafirmar o fato de que, nesse processo de luta, resistência e formação humana, a educação popular e os movimentos sociais estão interligados. A mesma também nos chama a atenção para a relevância do trabalho coletivo nesse processo, onde os sujeitos andam lado a lado na construção do conhecimento, do aprender político, tendo em vista que, nos movimentos sociais a educação popular “proporciona processos educativos e de

produção de saberes entre iguais, entre pessoas que comungam de objetivos e identidades comuns, mediados por práticas organizativas e discursivas em que todos são sujeitos do processo” (BATISTA, 2007, p.226).

2.3 Educação Popular como instrumento de emancipação social

Considerando que “existimos dentro de um mundo social onde senhores do poder, através do Estado, decidem e definem para os “outros” (para nós) o que querem que seja a relação entre eles e os “outros” (nós)” (BRANDÃO, 2006, p. 4), tentando moldar os sujeitos de modo a torná-los seres passivos e resignados, apontamos as contribuições da educação popular, enquanto prática propiciadora da emancipação destes sujeitos. Uma educação que permite o sujeito olhar criticamente o que está em sua volta, considerando o saber coletivo e o diálogo como um mentor fundamental da educação.

Vale destacar que ancorados em Gohn (2013) utilizamos o termo sujeito pois, entendemos que “a categoria sujeito confere protagonismo e ativismo aos indivíduos e grupos sociais, transformam-nos de atores sociais, políticos e culturais em agentes conscientes de seu tempo, sua história, de sua identidade, de seu papel como ser humano, político, social” (GOHN, 2013, p.33).

Neste contexto, pontua-se a relevância desta educação desenvolvida através de um viés político e crítico que propicia aos sujeitos serem agentes transformadores de sua realidade, superando a condição de subalternizados a qual os padrões hegemônicos os expõem, propiciando aos mesmos perceberem a realidade como algo que não é estático.

E segundo Freire (1981)

É algo importante perceber que a realidade social é transformável; que feita pelos homens, pelos homens pode ser mudada; que não é algo intocável, um fado, uma sina, diante de que só houvesse um caminho: a acomodação a ela. É algo importante que a percepção ingênua da realidade vá cedendo seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se; que o fatalismo vá sendo substituído por uma crítica esperança que pode mover os indivíduos a uma cada vez mais concreta ação em favor da mudança radical da sociedade (FREIRE, 1981, p.33).

Desse modo, Freire vem nos apontar a importância desta educação que permite aos sujeitos reconhecerem-se como agentes que podem transformar a realidade na qual se encontram, e essas leituras críticas do contexto que a educação popular enfoca como prática central para conceber autonomia e empoderamento aos mesmos, são relevantes para que eles reconheçam as suas potencialidades e tornem-se críticos e ativos diante deste contexto.

A educação popular revela-se como um ato político, seu ponto de partida é a realidade dada, que necessita ser transformada, possibilitando aos indivíduos não se calar diante das injustiças (GOHN, 2013). Deste modo, “é um processo humanizador e libertador que deve proporcionar uma práxis transformadora para libertar os homens e mulheres da situação de opressão que a sociedade capitalista impõe” (BATISTA, 2007, p. 223).

Nesta perspectiva, chama-se a atenção para o fato de que o oprimido só se libertará desta condição quando adquirir a capacidade de refletir sobre as condições de sua própria vida e conquistar autonomia para realizar seu destino histórico, e desse modo, a EP vai ao encontro de classes subalternas, excluídas, marginalizadas, que necessitam pensar de maneira crítica suas realidades (GOHN, 2013).

Nesse sentido, os autores enfatizam a educação popular na perspectiva libertadora, como instrumento de conscientização e politização, fazendo com que os sujeitos se libertem da condição de oprimidos, subalternizados e excluídos em que vivem. Sendo assim, destacamos também as contribuições de Brandão (2006) quando afirma que “[...] a educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do *saber compartilhado* cria a experiência do *poder compartilhado*” (BRANDÃO, 2006, p. 50).

Desse modo, Brandão (2006) chama atenção para o fato de que esta educação emancipatória se dá por meio de experiências na coletividade tendo como base do processo comunicativo, o diálogo. Além de que, nesta perspectiva emancipadora da mesma, ela busca interagir com os diversos campos do saber procurando estabelecer novas alianças entre pessoas e grupos de vida a partir das trocas de saberes e/ou conhecimentos, a fim de propiciar a superação da condição de passividade e conformismo.

Sobre a importância do diálogo neste processo de criticidade e emancipação, Freire (2005) afirma que

[...] o diálogo é uma existência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não se pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p.91).

Assim, o diálogo mostra-se não apenas como uma conversa, mas, um ato de troca de saberes e reflexões, um instrumento capaz de possibilitar a mudança, desde que se dê em uma relação horizontal e não vertical, tendo em vista que os sujeitos caminham juntos no processo do aprender político, do empoderamento favorecido por esta educação transformadora.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de “[...] enriquecer o aprendizado a partir do encontro da teoria com a realidade, da ação com a criatividade [...]” (LAGE, 2013, p.50). E para que esta se tornasse ainda mais significativa, optamos pela pesquisa qualitativa, tendo em vista que, segundo Minayo (2009)

[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p. 21)

Deste modo, esta abordagem tornou-se relevante para a pesquisa na medida em que nos permitiu aprofundar a compreensão sobre a organização social estudada, através dos dados que surgiram no cotidiano, nas relações sociais estabelecidas, considerando que neste universo de significados com o qual nos deparamos, os dados não podem ser quantificados e reduzidos a representações numéricas, tendo em vista que as pesquisas que partem dessa abordagem são em sua maioria, de cunho descritivo, explicativo.

3.1 Tipo de Estudo

A pesquisa foi do tipo explicativa, pois centrou-se na identificação de fatores que contribuem para o acontecimento de fenômenos que afetam, de forma positiva ou negativa, a organização estudada e as possibilidades de transformação social a partir de suas ações e de seus processos pedagógicos (GIL, 2010). Além de que “[...] Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2010, p.42).

3.2 Método da Pesquisa

A nossa pesquisa esteve baseada no Método do Caso Alargado que segundo Santos (1983)

[...] Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou mesmo único. A riqueza do caso não está no que há nele de generalizável, mas na amplitude

das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem [...]. (SANTOS, 1983, p. 11-12)

Assim, este método possibilita ao pesquisador compreender os fenômenos da organização social estudada de uma forma holística, valorizando a riqueza de informações que pode surgir através da observação e descrição dos detalhes, de modo a enriquecer o aprendizado e a compreensão acerca dos fenômenos que permeiam o espaço estudado. Sendo assim, neste método é utilizado o estudo de caso como etapa preliminar, tendo em vista que esse estudo “considera a unidade social como um todo [...] reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso complexo” (GOLDENBERG, 2000 *apud* LAGE, 2013, p.54).

O estudo de caso é utilizado como etapa preliminar, pois, permite a compreensão dos fenômenos de uma forma mais ampla, e após esta análise holística do caso, surge à necessidade de ampliar as inferências sobre o estudo, e segundo Lage (2013), o Método do Caso Alargado “[...] oferece uma estrutura metodológica capaz de ampliar o espectro das reflexões, amplia o universo da análise, de modo que esta possa discorrer acerca de questões importantes relacionadas com o tema e presentes na sociedade” (LAGE, 2013, p. 56).

3.3 Delimitação e Local da Pesquisa

Esta pesquisa esteve delimitada ao estudo das convergências pedagógicas dos diversos projetos de uma mesma instituição, tendo como campo de pesquisa o Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), localizado no bairro Vila Padre Inácio no Município de Caruaru. A escolha deste local se deu em primeiro lugar pela sua trajetória de luta e seus projetos educativos e em segundo lugar pelo tempo da vida destes.

O Centro de Educação Popular Assunção (CEPA) nasceu em 2001, é uma organização de caráter religioso, filantrópico e de solidariedade, que atua com grupos sociais excluídos ou em risco de exclusão social. O seu público-alvo são crianças e adolescentes que frequentam a escola e devido a isto, as atividades desenvolvidas na e pela organização funcionam no contra turno escolar destas crianças e adolescentes.

As suas atividades são desenvolvidas por meio de projetos e oficinas diversificadas, tais como: As oficinas de Audiovisual, de Capoeira, de Dança e Teatro, de Informática Básica e de Metareciclagem, e o Projeto Aprender e Tatear (Educação Infantil) e Consultório Dentário. E estas atividades funcionam no sentido de fazer com que as crianças e adolescentes utilizem o tempo ocioso para contribuir na construção do seu conhecimento.

3.4 Fontes de Informação

A realização do trabalho de coleta de dados se deu com quatro grupos sociais. Os grupos escolhidos para se estabelecer um diálogo e/ou observação para fins desta pesquisa foram os seguintes:

- Dirigentes;
- Educadores Populares;
- Educandos;
- Pedagogo.

3.5 Técnicas de Coleta

O grande foco de observação e análise para o trabalho foram os encontros - entre saberes, poderes, grupos sociais e pessoas, conforme Lage (2005) que ainda nos diz que a cada encontro é preciso “observar, além das falas e dos silêncios, os espaços, os atores, as atividades, a atmosfera do ambiente, os comportamentos e os sentimentos” (Lage 2005, p. 198).

Nesta perspectiva, para compreender que convergências pedagógicas são possíveis em projetos de educação popular dentro do CEPA/CARUARU, utilizamos técnicas de coleta de dados diversas, de modo a atender as oportunidades de compreensão que os encontros podem oferecer. Entre estas técnicas, estão: a observação participante, as entrevistas semiestruturadas e conversas informais, pois, por meio delas tivemos a possibilidade de obter maiores informações acerca dos princípios pedagógicos dos projetos de educação popular do CEPA, e das contribuições da educação popular como instrumento de emancipação de crianças e adolescentes em risco de exclusão.

Desse modo, para caracterizar as contribuições de educação popular como instrumento de emancipação de crianças e adolescentes em risco de exclusão, fizemos uso da observação participante, tendo em vista que “na pesquisa qualitativa, a interação entre pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial” (MINAYO, 2009, p. 63). Neste sentido, vale salientar que

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados (MINAYO, 2009, p. 59)

Assim, nota-se que a observação “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.194), permitindo a interação social com os sujeitos pesquisados, e através dela, recolhe-se informações que possibilita o maior conhecimento sobre o objeto estudado partindo da realidade cotidiana dos sujeitos, entretanto, neste processo consideramos que ao mesmo tempo em que as ações dos indivíduos pesquisados podem ser modificadas pela presença do observador, o mesmo também passa a aprender novas normas e linguagens, pois tem que se adequar as características do grupo.

Neste processo de interação, também faremos uso de entrevistas semiestruturadas tanto para identificar os princípios pedagógicos dos projetos de educação popular do CEPA, quanto para caracterizar as contribuições da educação popular como instrumento de emancipação de crianças e adolescentes em risco de exclusão.

A entrevista semiestruturada é aquela “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2009, p. 64). E as utilizamos, pois,

A entrevista como fonte de informação pode nos fornecer dados secundários e primários de duas naturezas: (a) os primeiros dizem respeito a fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes [...] (b) os segundos – que são objetos principais da investigação qualitativas – referem-se às informações diretamente construídas no dialogo como o individuo entrevistado e tratam das reflexões do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia. (MINAYO, 2009, p. 65)

E para além destas técnicas, fizemos também uso da técnica de análise documental, na medida em que analisamos o Projeto Político Pedagógico da instituição, assim como a sua Política de Proteção a Criança e ao Adolescente, a fim de identificar os princípios pedagógicos dos projetos de educação popular do CEPA presentes nestes documentos. Neste contexto, a análise documental foi utilizada enquanto “[...]técnica de identificação, levantamento, exploração de documentos fontes do objeto pesquisado e registro das informações retiradas nessas fontes e que serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho” (SEVERINO, 2007, p.124).

De forma geral, para cada objetivo, utilizamos as seguintes técnicas de coletas de dados:

OBJETIVOS DA PESQUISA	TÉCNICAS DE COLETA
Identificar os princípios pedagógicos dos projetos de educação popular do CEPA	Documentos; entrevistas semiestruturadas e conversas informais, Diário de campo.
Caracterizar as contribuições da educação popular como instrumento de emancipação de crianças e adolescentes em risco de exclusão	Observação participante; entrevistas semiestruturadas e conversas informais, Diário de campo.

Sendo assim, compreendemos que estas técnicas para a coleta de dados, nos possibilitaram um maior aprofundamento no desenvolvimento do trabalho, possibilitando-nos um maior leque de informações.

3.6 Registro do campo

Para além das técnicas já descritas no item anterior, a cada ida ao campo também foram realizados os registros, por meio de notas de campo de modo a contribuir significativamente para ampliar a compreensão a respeito dos princípios pedagógicos e das ações educativas desenvolvidas no CEPA, assim como ampliar os conhecimentos em relação ao trabalho educativo desenvolvido na organização social (campo da pesquisa).

Neste sentido, trazemos as contribuições de Lage (2005) quando afirma que,

O diário de campo é um instrumento não só de registro, mas fundamentalmente um instrumento de análise de todo o trabalho de campo. É ainda, um instrumento de trabalho diário, literalmente diário, e por isso mesmo um incansável e por vezes saturante trabalho, que exige disciplina, mas que proporciona ao próprio pesquisador(a) uma grande satisfação à medida que vai sendo construído e redescoberto a cada consulta que se faz dos passos dados. Tal como um álbum de fotografias, que nos leva ao reencontro das descobertas quotidianas (LAGE, 2005, p. 452).

A importância dos registros de campo implica num modo conciso de reunir todas as informações do campo e uma maneira de assegurar uma análise dos dados credível, na medida em que o campo será um lugar de grandes aprendizagens e discursos preciosos.

3.7 Análise e Sistematização de Dados

Para fins de análise e sistematização dos dados utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo, tendo em vista que, segundo Bardin (2011, p. 42), esta é “uma técnica de investigação que através da descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto nas comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”. Desse modo, com base nesta técnica, realizamos inferências e interpretações sobre o conteúdo exposto na comunicação estabelecida no CEPA, explorando as possíveis convergências entre seus projetos.

Para fins desta análise, a organizamos também na perspectiva de Bardin (2011), quando a mesma enfatiza que a análise de conteúdo organiza-se em três fases: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; 3. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A primeira fase, a da pré-análise, segundo Bardin (2011) refere-se à organização inicial para o processo de análise dos dados. Nesta fase, definimos os documentos a serem analisados (diário de campo, entrevistas, documentos da organização estudada) visando o fornecimento de informações sobre o problema de pesquisa. Formular hipótese e objetivos, de modo a direcionar e dimensionar a análise. E elaborar indicadores que irão fundamentar a nossa interpretação final dos dados.

A segunda fase é a exploração do material, consiste na sistematização das informações selecionadas na pré-análise, equivalendo à operação de codificação, tendo em vista que

Tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que pode servir de índices [...] (BARDIN, 2011, p. 133).

Já a terceira fase, a do tratamento dos resultados, refere-se à síntese e seleção dos resultados brutos, obtidos nas fases anteriores, de modo a “[...] propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas” (Ibidem, p. 131). Logo, nesta terceira fase, em que temos à nossa disposição resultados previamente selecionados e classificados como significativos, prosseguimos a análise a partir de uma perspectiva cuidadosa e reflexiva de modo a validar os resultados brutos obtidos.

Deste modo, vale ainda salientar que, em nossa pesquisa a análise dos dados coletados no campo durante a observação, será realizada de acordo com as categorias explicativas decodificadas dos temas transcritos.

4 O CASO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR ASSUNÇÃO – CEPA

4.1 Contexto Histórico

O Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), organização não governamental de caráter religioso, filantrópico e de solidariedade, foi instituído juridicamente em 13 de maio de 2003, e está localizado na Vila Padre Inácio, na área urbana do Bairro Kennedy, periferia de Caruaru – Pernambuco. Entretanto, a organização surgiu com a chegada de um grupo de religiosas católicas – as Irmãzinhas da Assunção, em 1995. E este surgimento relaciona-se com o descontentamento da situação vista na comunidade: o descaso das instituições governamentais para com aquela população ocasionando um aumento das suas demandas socioeconômicas e a precariedade das suas condições de vida.

Assim, na perspectiva de resistir à exclusão social e lutar por uma vida digna para aquela população e pelo respeito do direito do outro, as Irmãzinhas de Assunção juntamente com lideranças da comunidade do Bairro Kennedy e adjacências, sentiram a necessidade de constituir esta entidade civil de natureza popular, o CEPA, a fim de cuidar das questões públicas/comunitárias daquela população, contribuindo para a disseminação de uma Cultura de Paz, ressaltando o ser humano como um ser integral, com direitos, deveres e valores, livre de violência, seja ela qual for.

Nesse sentido, chama-se atenção para o fato de que “o CEPA não é uma instituição assistencialista, pelo contrário, é uma instituição de protagonismo, ela caminha com” (DIRIGENTE II, Diário de Campo, 30/05/2018), Assim, nota-se que este é um espaço de natureza popular onde todos(as) possuem vez e voz para contribuir no processo de construção coletiva.

Para isto, no CEPA é desenvolvida uma proposta sócio-educativo-cultural construída de forma dialógica, na constante interação entre diversos saberes e atores sociais, privilegiando em sua prática educativa a abordagem Freiriana da educação, a qual preconiza a visão de ser humano como ser inacabado, de educação como processo de troca contínua e de superação permanente, tendo como fim a construção da autonomia (CEPA, 2011). E sobre essa abordagem Freiriana o Pedagogo do CEPA enfatiza: “[...] de fato a gente é bem Freiriano nesse sentido, porque de fato a gente é inacabado, a gente é inconcluso, a gente precisa tá buscando[...]” (PEDAGOGO, Diário de Campo, 08/05/2018).

Assim, considerando os sujeitos neste processo contínuo de construção e lutando pelo fortalecimento da participação cidadã, bem como, pela emancipação pessoal, social e política

dos mesmos, o CEPA atende não apenas à comunidade da Vila Padre Inácio, na qual está localizado, mas também crianças e adolescentes oriundas das comunidades vizinhas, tais como: José Carlos de Oliveira, Vila Kennedy, Cohab I e II, Vila do Aeroporto, Caiucá e Vila Diocesana, através de um trabalho que se dá por meio de vários projetos educativos. O público-alvo desses projetos são crianças e adolescentes que possuem de 4 a 18 anos de idade incompletos e suas famílias.

E para o desenvolvimento de todas as atividades, a instituição conta com 20 colaboradores diretos, destes, 9 são educadores dos projetos e oficinas. Sobre a sua atuação, eles destacam: “A gente é como se fosse uma referência, para dar orientação, para intermediar, mas, só que nós não somos os donos da razão, e eles (os educandos) tem a voz deles, tem autonomia, tem protagonismo” (EDUCADOR I, Diário de Campo, 14/05/2018).

Ainda no que diz respeito aos colaboradores, o CEPA também conta com o apoio de voluntários das comunidades que contribuem para o bom desenvolvimento das atividades realizadas. Nesse sentido, para o pleno desenvolvimento das atividades a instituição também conta com várias parcerias, e como nos afirma um dos dirigentes da instituição:

[...] quando a gente fala em parceiro, vai ter aquela parceria que vai estar dando aquela contribuição, o tipo de parceria financeira que é mediante a aprovação de projetos na grande maioria das vezes. Mas tem outras parcerias que se dão em outra modalidade, agora é certo que é um trabalho que é feito através de muitas parcerias desde o começo (DIRIGENTE I, Diário de Campo, 30/05/2018).

Atualmente, algumas destas muitas parcerias da instituição, são: a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; o Banco Santander; o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente – CEDCA; o Conselho Municipal do Direito da Criança e do Adolescente – COMDICA; o Banco de alimentos do SESC; o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS; dentre outros. E sobre as parcerias financeiras, cabe ressaltar que elas muitas vezes se dão pela submissão de projetos através de editais,

Então a gente vai ler o edital e ver que a gente se encaixa, constrói a proposta e quando eu digo a gente, é a gente mesmo (referindo-se ao coletivo)[...] Por que não é todo edital que a gente se encaixa, tem que ser um proposta compatível com o trabalho que a gente realiza, então a gente concorre e se sai vitorioso vai ter aquele tempo para executar o projeto [...]E o projeto é isso, é você dizer: olha, tem essa realidade que a gente vai poder mudar através destas e destas ações, tem isso aqui para disponibilizar, porque qualquer projeto exige contrapartida, seja em termo de instalações ou de outros, nenhum projeto vai financiar tudo e aí tem o resultado. Os projetos são elaborados por esta equipe, acompanhados pela equipe, avaliados, monitorados e não só pela equipe. Na parte dessa avaliação, desse monitoramento a gente também tem contado com a participação de outras pessoas, como o Professor Márcio que é da Universidade, têm esses avaliadores também externos, o próprio órgão de fomento costuma também avaliar, fiscalizar, a gente tem essa dinâmica (DIRIGENTE I, Diário de Campo, 30/05/2018).

Desse modo, partindo da pertinência da elaboração do projeto, da preocupação e responsabilidade social com o público ao qual trabalham, e da construção coletiva das atividades para atender um determinado fim, os projetos são submetidos aos editais, conforme as exigências da unidade financiadora. Quando aprovado, é operacionalizado pelo CEPA, e essa operacionalização acontece com base nas temáticas e objetivos desse projeto submetido em consonância com os princípios do CEPA, de modo que “cada educador, cada educadora com a ajuda do pedagogo ou da pedagoga vai direcionar essas ações ao longo do ano, sempre levando em consideração esses elementos da educação popular e em consonância com as temáticas que estão lá propostas nos projetos” (PEDAGOGO, Diário de Campo, 08/05/2018).

4.2 Projetos educativos

Os projetos que estão em curso atualmente no CEPA, surgiram da necessidade da comunidade, em outras palavras, são respostas para as demandas sociais observadas principalmente através da inserção das Irmãzinhas de Assunção na comunidade. Assim, no que se refere ao surgimento destes projetos, o Dirigente I diz:

[...] Aí o que acontecia também, as irmãs estavam na casa (elas moram aqui nessa mesma rua) e certa vez alguém ligou lá de um projeto em São Paulo dizendo que tinha um jovem que tinha chegado em São Paulo e morava nessa comunidade. Aí elas foram vendo que precisava também pensar algo para esses adolescentes, porque imagina o que um adolescente desse que sai pegando carona até chegar em São Paulo, o que ele não se submeteu, então se pensava, vamos ensinar também situações do dia a dia, formar um grupo de teatro...E nessas visitas as casas também e a aí marca muito a atuação das irmãs, essa presença delas nas famílias, nas casas, com a configuração que temos, porque não vamos aqui pensar família aquele modelo que já está ultrapassado e não funciona aqui[...] Então, isso é pra dizer o seguinte, que estes foram projetos que foram surgindo a partir desta inserção das irmãs na comunidade, através destas visitas, dessa inserção nas famílias, e aí tudo isso foi surgindo com a ajuda de todo mundo (DIRIGENTE I, Diário de Campo, 30/05/2018).

Desse modo, percebemos que desde o surgimento da instituição, as demandas da comunidade são o que norteia o trabalho desenvolvido, um trabalho que é elaborado com a comunidade, para a comunidade, de modo a estimular o que há de melhor no ser humano.

Neste processo de construção coletiva, atualmente, o CEPA desenvolve um trabalho com as crianças e adolescentes da Vila Padre Inácio e Adjacências, que se dá por meio de vários projetos educativos, tais como: Aprender e Tatear (Educação Infantil), Arte CEPA (Capoeira, Dança e Teatro), Oficinas de Produção Audiovisual, Consultório Dentário, Informática Básica e Metareciclagem. E com exceção do Aprender e Tatear, as demais

atividades funcionam no contra turno escolar, fazendo com que estas crianças e adolescentes utilizem o tempo ocioso para contribuir na construção do seu conhecimento, dos seus valores.

Estes projetos são realizados dentro da própria instituição, em dias e horários pré-estabelecidos, com exceção do Projeto Aprender e Tatear (Educação Infantil) que funciona diariamente no turno matutino e vespertino. E atualmente, de acordo com dados da própria organização, através destes projetos são atendidas cerca de 340 crianças e adolescentes.

Sobre as atividades educativas desenvolvidas na instituição, destaca-se ainda que, a organização atua prezando pela importância do diálogo no processo educativo, e para isso o CEPA trabalha com uma metodologia de Rodas de Conversa em todas as oficinas. Sobre esta metodologia utilizada nas atividades, destacamos a fala do Pedagogo da organização, quando o mesmo afirma:

E como metodologia utilizada nas atividades a gente leva em consideração uma base dialógica e a partir do diálogo a gente vai buscando outros elementos como: a problematização, a contextualização das temáticas que tem a ver com a questão da problematização. E a partir daí despertar uma conscientização crítica nos educandos e nas educandas e não simplesmente reproduzir essas temáticas de uma forma mecanicista (PEDAGOGO, Diário de Campo, 08/05/2018).

Desse modo, nota-se que esta metodologia tem a finalidade da partilha dialógica de reflexões que favorecem a percepção crítica da realidade, tornando-se relevantes para a aprendizagem e exercício da cidadania, bem como ao cultivo de uma Cultura de Paz. Assim, estas rodas de conversa funcionam como espaço pedagógico-dialógico, aonde a aprendizagem acontece no diálogo, na troca de saberes e de experiência, tal como consta no Projeto Político Pedagógico do CEPA.

4.2.1 Projeto Aprender e Tatear (Educação Infantil)

O projeto Aprender e Tatear é destinado à Educação Infantil de crianças na faixa etária de 4 a 6 anos de idade, e atualmente atende cerca de 80 crianças no horário escolar, sendo 40 no turno matutino e 40 no turno vespertino, e estas quando saem do projeto ingressam no ensino fundamental da escola pública.

Sobre o seu surgimento, vale ressaltar que, este surgiu também das visitas realizadas pelas Irmãzinhas de Assunção às famílias, como nos afirma o Dirigente I, “Então nessas visitas percebiam também que muitas vezes as avós, as mães, precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar a criança, então, começaram um trabalho também de educação infantil [...]” (DIRIGENTE I, Diário de Campo, 30/05/2018).

Neste projeto, pensado para auxiliar essas famílias que não tinham com quem deixar as crianças, é também realizado um trabalho educativo no sentido de contribuir “no processo de construção do conhecimento para que a criança perceba sua importância como sujeito, compreendendo que poderá atuar em seu meio social e transformá-lo” (EDUCADOR II, Diário de Campo, 02/05/2018), de modo a desenvolver ainda na infância um trabalho emancipatório e libertador com base na educação popular.

Desse modo, tal como nos aponta o PPP da instituição, o trabalho com as crianças é realizado no sentido de que “Não basta ver que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social” (FREIRE, 1996 *apud* CEPA, 2011, p.11). Assim, nesta perspectiva de trabalhar na criança a autonomia, o senso crítico, as educadoras têm a ludicidade como aliada neste processo de formação das crianças, “nessa construção, o lúdico está presente no dia a dia das atividades facilitando a compreensão das atividades propostas e ilustrando os temas abordados durante o ano letivo” (CEPA, 2011, p.11).

E para além da abordagem Freiriana, da educação emancipatória e libertadora privilegiada pelo CEPA no desenvolver de suas atividades, a prática pedagógica do Aprender e Tatear baseia-se também nos aspectos da Pedagogia Freinetiana, considerando o TATEAR como fonte de descobertas, por meio da qual se desenvolve o interesse pelo prazer de APRENDER (CEPA, 2011).

4.2.2 Projeto Consultório Dentário

Este é um projeto que conta com o apoio de voluntários e é destinado à comunidade de um modo geral, pois, nasceu do alto índice de perda de elementos dentários apresentado pelos(as) educandos(as) do CEPA e pela população carente dos bairros adjacentes.

E de acordo com o CEPA (2011) o projeto busca despertar a consciência sanitária de modo que crianças e adolescentes e seus familiares percebam a importância dos cuidados e prevenção de cáries e outros tipos de doença bucal. Este trabalho de conscientização se desenvolve em duas fases: uma fase preventivo-educativa e a outra é curativa, com acompanhamento das monitoras das crianças e adolescentes e das famílias.

4.2.3 Projeto Arte CEPA

O projeto Arte CEPA é composto pelas oficinas de capoeira, dança e teatro. Atende crianças e adolescentes na faixa etária de 8 a 18 anos de idade incompletos, e é desenvolvido

[...] com ações de preservação e valorização da cultura regional, bem como da promoção do desenvolvimento humano dos(as) participantes, mediante a nova conduta de comunicação e expressões individuais (desinibição, ousadia, senso crítico, enfrentamento de situações adversas, criatividade e outras) (CEPA, 2011, p. 13).

Assim, nota-se que nestas oficinas o trabalho é desenvolvido no sentido de contribuir no processo de construção social dessas crianças e adolescentes, trabalhando a arte de maneira a desenvolver a autonomia, o senso crítico, a criatividade, o empoderamento e tantas outras competências e habilidades que contribuem no processo de construção destes sujeitos.

- **Oficina de Capoeira**

A oficina de Capoeira atende 15 alunos/as na faixa etária entre 8 e 18 anos de idade incompletos. E segundo educador, “a capoeira tem a parte prática, tem a parte teórica e tem aquela parte humana, que a gente diz aos meninos como eles se comportarem nos lugares. A gente fala dentro da capoeira dizendo a eles que usem isso fora da capoeira, no dia a dia da vida deles” (EDUCADOR IV, Diário de Campo, 08/05/2018).

Nesta perspectiva, o educando IV diz:

Eu gosto muito de capoeira, eu aprendo mais coisas pra vida, sobre honra, de você fazer sempre as coisas certas, o corpo também [...] A gente também aprendi a ter mais agilidade, a se movimentar melhor, a gente perdi mais o medo de tentar uma coisa nova, um esporte novo. Só que na verdade eu nunca tive medo para nada, eu sempre morei sozinho, aí as atividades me ajudam a ficar mais concentrado [...] Eu sou uma pessoa bem focada também, as atividades me ensinaram a ter foco, a nunca desistir de nada, eu mesmo consegui chegar em cantos que eu nunca pensei que eu fosse chegar, eu demorei 5 anos pra abrir escala mas, consegui (EDUCANDO IV, Diário de Campo, 24/04/2018)

Nesse contexto, a partir dessas contribuições de educador e educando, percebe-se que as atividades são desenvolvidas voltando-se para a socialização do indivíduo com o outro, com o meio e com o mundo em que vive, tendo a capoeira como arte esportiva que favorece a possibilidade de “estar” e “ser” no mundo.

E sobre o movimento que gera a socialização e o aprendizado mútuo entre educador e educandos, o educador destaca que

Como a capoeira é diversa, ela é arte, é cultura, é tudo. Então na aula de capoeira é assim, a gente faz aquele planejamento de amanhã vai ser golpes de capoeira, tipo

queixada, armada. Mas, durante esse tipo de aula, aí vem a conversa também, assim que eu chego, eu já vejo o movimento deles lá embaixo, se está certo, se está errado. Quase todo dia eu sento com eles e a gente arruma algum tipo de assunto para conversar, a gente não tem isso agendado não, a gente vai de acordo com as situações, com o que vemos. (EDUCADOR IV, Diário de Campo, 08/05/2018).

Com esta fala, notamos o diálogo como instrumento que direciona as atividades, que convida para reflexão e, conseqüentemente, ampliação dos conhecimentos sobre a arte e sobre a vida, tendo em vista que segundo o educador é do contexto que surge o assunto para a conversa.

- **Oficinas de Dança e de Teatro**

As oficinas de Dança e de Teatro, juntas atendem em torno de 52 educandos/as na faixa etária de 8 a 18 anos, sendo que destes 32 são educandos/as de dança e 20 são de teatro. Sobre o trabalho desenvolvido nestas oficinas, a educadora III enfatiza:

Possibilitamos aulas que têm diálogo coletivo para tratar sobre diversidade cultural, fazendo referência às experiências compartilhadas pelos/as educandos/as no momento de diálogo. Falamos muito sobre estrutura política, de humanização, de atitudes negativas entre as relações dos sujeitos atuantes na sociedade. Também proporcionamos aulas corporais que contribuem com aspectos de desinibição, diminuição da baixa autoestima, priorizando a participação dos/as educandos/as (EDUCADORA III, Diário de Campo, 02/05/2018).

Em relação ao desenvolvimento das atividades nestas oficinas, a educadora VIII complementa:

A gente tem essa dinâmica de trabalhar tanto com o corpo, como também com a nossa cabeça, e também com o exercício da nossa fala, que é importante a gente falar, é importante a gente dizer não gostei, é importante a gente dizer gostei (EDUCADORA VIII, Diário de Campo, 05/05/2018).

Desse modo, notamos que tanto na oficina de dança, quanto na de teatro, são desenvolvidas atividades que propiciam aos educandos potencializarem o conhecimento, resgatando a autoestima, despertando o senso crítico- reflexivo, a importância do posicionamento diante das situações. E tudo isto é feito através da arte, enquanto elemento transformador do meio.

4.2.4 Informática Básica

O curso de informática desenvolve atividades mais técnicas, principalmente no que se refere aos aplicativos exigidos no mercado de trabalho: sistema operacional, editor de textos, planilhas, apresentações, etc. Entretanto, o educador destaca que este também é um espaço de construção coletiva com bases dialógicas,

[...]como a faixa etária que eu estou pegando é entre 10 e 14 anos, é deles ingressarem no mercado de trabalho, só que aí, eu também digo para eles que não é só informática que vai garantir isso a eles. A informática é um conhecimento complementar, eles vão ter que melhorar em português, melhorar em matemática e nos conhecimentos gerais, porque no mercado de trabalho eles vão fazer um teste com todos esses conhecimentos e a informática é só pra vocês afiarem mais esses conhecimentos. Incentivo a leitura, tanto eu como demais educadores, a gente potencializa isso de os jovens eles não só conseguirem um emprego como eles também favorecer empregos tornando-se empreendedores, porque se muitos outros conseguiram, eles também conseguem, porque às vezes falta só um empurrão, um incentivo (EDUCADOR VI, Diário de Campo, 14/05/2018)

O educador ainda complementa enfatizando que

A proposta é fazer o pessoal abrir os olhos, despertar para que eles vejam que são capazes de fazer uma transformação social na vida deles, para eles tornarem-se seres independentes e não ficar só a mercê de ajuda, do olhar do coitadinho, do bichinho. Onde ele mesmo pode ajudar a si e ajudar a própria família, manter-se e estimular os outros, tornar-se espelho para os outros. Eita! Ele conseguiu, eu vou lá entrar também, pra eu ter a orientação pra também conquistar (EDUCADOR VI, Diário de Campo, 14/05/2018).

Nesta perspectiva, podemos destacar que a aprendizagem no curso de informática acontece no diálogo, na troca de saberes e de experiência, e no estímulo à autonomia e independência destes adolescentes que participam das atividades.

4.2.5 Oficina de Produção Audiovisual

A oficina atende cerca de 30 educandos/as na faixa etária de 8 a 18 anos incompletos, e nesta, as atividades são desenvolvidas tendo como foco a realidade na qual os educandos/as estão inseridos, pois, após aprender a operar equipamentos e linguagens para registro e confecção de material, os adolescentes se utilizam dos temas que surgem no cotidiano para realizarem exposição fotográfica e produção de vídeos.

De acordo com o PPP da organização (CEPA, 2011, p.14) “A proposta é construir um ambiente onde os principais atores presentes nas comunidades possam contribuir na construção de narrativas que nos ajudem a conhecer o perfil político, social e cultural da Vila Padre Inácio e dos bairros adjacentes”. Sendo assim, propõe de forma inovadora o registro das

diversas manifestações sociais e culturais da comunidade, fazendo o resgate da memória para a valorização da cultura.

Nesta perspectiva, trazemos também as contribuições do educador quando fala sobre o trabalho desenvolvido por meio desta oficina e em comunhão com algumas outras.

[...] eu costumo dizer que eu sou mais um facilitador, um intermediário. Por que os meninos hoje acabam sabendo muito mais sobre tecnologia do que a gente [...] eu tenho aquele espaço do audiovisual como um espaço no qual cada um traz seu conhecimento e a gente faz ali um mutirão, o próprio sentido do mutirão [...] E esse mutirão acontece também entre as oficinas por que, já teve muito isso de parcerias entre a inclusão digital, o audiovisual e o teatro, todo mundo no mesmo bolo para poder dar uma estrutura, suporte técnico entre a gente, nas oficinas da gente. Eu mesmo já fui muito ajudado e beneficiado pela metareciclagem; no momento em que o computador parava, pifava, pega uma peça dali, outra daqui, e hoje em dia está do mesmo jeito (EDUCADOR I, Diário de Campo, 14/05/2018).

Através desta fala do educador, nota-se também o que está por trás do registro, resgate e valorização das manifestações sociais e culturais da comunidade, que é o trabalho coletivo. Trabalho este, desenvolvido no sentido de despertar a criatividade, a autonomia, a troca de saberes e, conseqüentemente, o bom desempenho destes educandos nas atividades e nas relações sociais. Neste sentido, trazemos a fala de um dos educandos, quando o mesmo enfatiza que:

Tanto na dança quanto no audiovisual, o mais importante que eles me ensinaram aqui foi socializar, dialogar com as pessoas, por que realmente eu tinha bastante vergonha. Hoje em dia eu consigo dialogar com as pessoas e coisa e tal, tem uma palestra e coisa e tal, eu já fico interessado. (EDUCANDO II, Diário de Campo, 28/04/2018).

Esta fala do educando vem reafirmar as contribuições de um trabalho que tem como finalidade a formação integral dos educandos, focalizando a socialização e o diálogo como elementos importantes e marcantes na construção social e pessoal deste educando. A fala do educando ainda nos diz sobre a interligação entre as oficinas de dança e audiovisual, chamando atenção para o fato de que, mesmo sendo atividades tecnicamente distintas, têm em comum o direcionamento de aprendizagens que refletem na vida cotidiana dos educandos, na melhoria das relações sociais.

4.2.6 Metareciclagem (Manutenção de Computadores)

Metareciclagem é um projeto direcionado para adolescentes a partir de 16 anos até os 18 anos incompletos. Seu surgimento diz muito sobre o fato de as atividades desenvolvidas no

CEPA serem respostas para as demandas que surgem no cotidiano, tal como nos afirma o Dirigente I

Para ilustrar ainda esse processo de construção, dessa construção coletiva e como o projeto é algo pensado a partir da realidade, temos também esse de Metareciclagem. Há um tempo atrás, essa computação funcionava num espaço grande ainda nesse prédio da igreja, então, roubaram as CPUs, sete CPUs. Então tinha um grupo de jovens que tinha terminado o curso de informática, e disseram: - Poxa! A gente não pode deixar isso aqui morrer, a gente se formou. Alguns estavam fazendo pequenos serviços, já estavam trabalhando, e nessa época também chegou um outro profissional que tinha curso de manutenção, então eles se juntaram e ajudamos fazendo uma grande campanha para arrecadar CPU usada, computador usado, para de dois ou três fazer um. Então foi daí que foi surgindo projeto de Metareciclagem, que é essa recuperação de computadores, utilizando também um software livre que permite que as trocas aconteçam, não é aquela coisa como a Microsoft que você baixava um programa, mas, se não pagar por ele você tem que devolver. E outra também, evitando que esses computadores que não serve mais sejam jogados, danificando o meio ambiente do qual a gente é parte também, porque não é algo isolado separado (DIRIGENTE I, Diário de Campo, 30/05/2018).

Através desta fala notamos a relevância do trabalho desenvolvido no CEPA, da conscientização gerada nos educandos, do sentimento de coletividade como elemento para transformação. Esta situação descrita pelo Dirigente, nos chama atenção para o fato de que, os educandos compreendem que juntos podem mais, que cada um pode dar a sua parcela de contribuição para que o trabalho social da instituição continue beneficiado a comunidade. Ainda sobre esta situação através da qual se deu início a mais uma oficina, o dirigente II enfatiza que:

A oficina de Metareciclagem veio para dar uma resposta aos computadores que forma roubados.
 - Poxa! Não vamos ter mais?. Não, vamos recolher esse material e dar uma nova vida, uma nova direção.
 Surgiu não só a oficina, como também uma outra compreensão também sobre esse produto, sobre essa relação do cuidado com o meio ambiente, com o todo. E ao mesmo tempo, dentro desse projeto da metareciclagem, é a questão também da informática, cada vez mais pessoas, e não só as crianças e os adolescentes, mais também as suas famílias terem esse acesso ao aprendizado da informática (DIRIGENTE II, Diário de Campo, 30/05/2018).

Desse modo, na metareciclagem trabalha-se para manter equipamentos eletrônicos descartados pela sociedade, transformando-os a serviço de pessoas que não têm acesso a essas tecnologias, e em contra partida, ajudam na preservação do meio ambiente, uma responsabilidade de todo ser humano. E sobre isto, o educador enfatiza: “mesmo a da gente sendo uma oficina mais técnica, a gente também ensina essa questão da conscientização, por exemplo, pegar monitores de computador e transformar em caquera. A gente lava, pinta e dá um fim para aquele monitor, ensinando também a reciclagem (EDUCADOR VII, Diário de Campo, 14/05/2018). Em outras palavras, é um trabalho coletivo articulado que desenvolve a

conscientização, chamando atenção para a importância do trabalho em rede, da construção coletiva, para formação cidadã e humana dos sujeitos.

5 ANÁLISE DOS DADOS

TEÓRICO	EMPÍRICO	SÍNTESE
CATEGORIA 1: EDUCAÇÃO POPULAR		
<p>“1. A educação popular é, em si mesma, um movimento de trabalho pedagógico que se dirige ao povo como um instrumento de conscientização etc [...]” (BRANDÃO, 2006, p.52).</p> <p>“Um dos traços constitutivos da educação popular, como concepção pedagógica e como prática social, é sua alta sensibilidade aos contextos político, sociais e culturais onde atua [...] a educação popular incorpora como prática permanente a realização de leituras críticas dos contextos locais, nacionais e continentais e que se desenvolve” (CARRILLO, 2013, p.19).</p> <p>A intencionalidade formativa da educação popular está “voltada para ampliar as potencialidades de atuação destes sujeitos em diferentes níveis de vida social e política, no horizonte de sua conversão em atores sociais, ou seja, em protagonistas de sua história e da história das sociedades nas quais atuam” (CARRILLO, 2013, p. 22).</p> <p>“[...] tão importante quanto os conteúdos trabalhados são as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos no processo educativo e os horizontes perseguidos por esses sujeitos, o que inclui reflexão e ação coletiva” (SOUZA, 2013, p.250).</p>	<p>Com os olhos fitos nesta realidade, compreendemos a educação como uma ação possibilitadora de humanização das relações e como um caminho de solidariedade humana e de cuidados com a vida do planeta (PPP/CEPA, 2011).</p> <p>[...] pra gente também todos os princípios pedagógicos é sempre nessa proporção de que o sujeito, ele uma vez empoderado, consciente, etc. ele também possa colaborar com esse processo contínuo de outras pessoas (DIRIGENTE II, Diário de Campo, 30/05/2018).</p> <p>Como o próprio nome da instituição faz menção a educação popular, o nosso princípio pedagógico se baseia nos princípios da educação popular na perspectiva Freiriana (PEDAGOGO I, Diário de Campo, 08/05/2018).</p> <p>É a questão do diálogo, o diálogo ele perpassa de certa forma todas as oficinas, desde a educação infantil até a informática, e essa base dialógica de certo modo você vai perceber ela mais presente. Agora as outras questões, como a conscientização dos educandos, como eles vão se posicionar diante do mundo e das questões que eles vão perceber, isso aí é uma questão de médio a longo prazo (PEDAGOGO I, Diário de Campo, 08/05/2018).</p> <p>A base das atividades é a questão da educação popular, a cultura de paz, de um trabalho para despertar o protagonismo dos educandos, o senso crítico e essa questão de se importar com o outro, ajudar a comunidade como um todo, porque, não é cada um por si, mas que aquilo que eu</p>	<p>A educação popular se caracteriza como uma prática social, que propicia às crianças e aos adolescentes o desenvolvimento da consciência crítica, permitindo-os olhar a sua realidade a partir de um olhar sensível e transformador.</p> <p>Para isto, busca-se através de um trabalho socioeducativo e coletivo, o fortalecimento das potencialidades destas crianças e dos adolescentes, de modo a contribuir para as melhorias do seu entorno social a partir da capacidade de se colocar no lugar do outro, sensibilizar-se com as situações e os contextos, percebendo a educação como peça chave no desenvolvimento pessoal, social, profissional, cultural, de cada ser humano.</p> <p>Deste modo, esta educação conscientiza e emancipa estas crianças e adolescentes do seu papel social, dando vez e voz a cada um deles para serem protagonistas da história e não somente meros receptores. Assim, observamos também que as atividades tendo suas bases na educação popular na perspectiva Freiriana, busca o despertar do protagonismo dos sujeitos, da conscientização, do senso crítico, da sensibilidade, da coletividade, e isto é algo que perpassa todos os projetos educativos desenvolvidas na instituição.</p> <p>Isto, tendo como base um ambiente dialógico, com educadores que se colocam na posição de mediadores do conhecimento, instigam as leituras críticas a partir de rodas de diálogo sobre: cultura, política, economia, sociedade e a própria</p>

	<p>venha fazer aqui vai surtir efeito pra quem está próximo a mim, no meu entorno, na comunidade (EDUCADOR I, Diário de Campo, 14/05/2018).</p> <p>Os projetos de educação popular ele tá focado justamente em tornar iguais os direitos, tornar as coisas acessíveis a todos (EDUCADOR VI, Diário de Campo, 14/05/2018).</p> <p>[...] autonomia, a gente tem uma liberdade maior na oficina de repassar o que aprendeu para os outros e isso ajudou muito também na questão das parcerias. Porque assim, o áudio visual tem uma parceria com a informática que já tinha uma parceria com a metareciclagem, aí juntando o trabalho de todos eles, ajudou bastante em decisões, em justamente ter autonomia no espaço, em saber qual oficina que eu queria fazer parte e outros direcionamentos (EX-EDUCANDA, Diário de Campo, 08/05/2018).</p> <p>Aqui no CEPA eu aprendi a conviver com as pessoas, porque antes eu era assim muito fechado, eu via as pessoas assim e eu meio que me escondia para não falar com as pessoas. Mas aqui no CEPA, não. Eu aprendi a conviver com as pessoas [...] quando eu cheguei no CEPA, eu vi o quanto era chato ficar isolado (EDUCANDO III, Diário de Campo, 23/04/2018).</p> <p>A educação popular está presente na filosofia de vida da instituição e no fazer pedagógico [...] as metodologias partem da pedagogia Freiriana. As ações desenvolvidas seguem uma linha comum que é a horizontalidade para gerar criticidade e autonomia (PALESTRANTE, Diário de Campo, 16/04/2018).</p>	<p>educação, fazendo com que o conhecimento chegue a todos de modo acessível, propiciando a estas crianças e adolescentes, uma visão macro sobre estes aspectos e, sobretudo, uma visão micro, tendo a comunidade como objeto de estudo e análise, como fonte de inspiração e transformação.</p> <p>Nesta perspectiva, cabe ainda destacar que é uma educação desenvolvida não somente para os sujeitos, mas, com os próprios sujeitos, por meio de uma construção coletiva que direciona as atividades e, conseqüentemente, as aprendizagens mútuas entre educadores, educandos e a comunidade. Estimulando os educandos e educandas a se reconhecerem como seres em constante aprendizagem e busca por transformação, o que incide na reconfiguração das relações sociais, na transformação da realidade onde atuam, superando a condição de discriminação, de exclusão, fortalecendo o processo de resistência às condições que lhes são impostas.</p>
CATEGORIA 2: EDUCAÇÃO POPULAR COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL		
<p>Sobre a educação desenvolvida nos diversos espaços educativos, Gohn (2011) destaca que “tem como escopo de trabalho a formação do indivíduo para o mundo, abrindo janelas para novos conhecimentos, criando</p>	<p>Se surge alguma situação na comunidade elas (as pessoas) já sabem mais ou menos qual seria a forma de conseguir. E de que forma? É se juntando, conversando a respeito, reivindicando, então você não vai ter uma pessoa que tenha</p>	<p>O trabalho desenvolvido para com as crianças e adolescentes, neste caso, visa o fortalecimento das potencialidades das classes populares através de uma educação emancipatória, que permite aos sujeitos serem</p>

<p>canais de aprendizagem que poderão levar os indivíduos à emancipação das formas de pensar e agir social” (GOHN, 2011, p. 12).</p> <p>“A educação a partir dos paradigmas críticos deve fomentar comunidades de indagação e ação, com capacidade de assombro e curiosidade epistêmicos, sensíveis às problemáticas do contexto, com opções de futuro variáveis, autônomas, reflexivas, dialógicas e responsáveis” (CARRILLO, 2013, p. 30).</p> <p>“Ao aprender a ler e a pensar criticamente, o indivíduo desenvolve o hábito de pensar a prática; os indivíduos aprendem a dizer o que pensam, o que desejam, o que sonham e o que aspiram, para si e para seus entes, sua comunidade, seu país, etc” (GOHN, 2013, p. 37-38).</p> <p>“Suas práticas se caracterizam ‘por propiciar a formação de sujeitos cidadãos com capacidade de transformar a realidade, estabelecer uma relação indissolúvel entre conhecimento e prática, conceber uma relação horizontal entre educador e educando medida pelo diálogo, revelar a didática grupal e participativa na aprendizagem, articular as situações educativas com o desenvolvimento de mudanças locais e globais” (MARTINEZ, 2011 <i>apud</i> GADOTTI, 2012, p.16).</p> <p>“[...] o oprimido só se liberta quando adquire a capacidade de refletir sobre as condições de sua própria vida e conquista autonomia para realizar seu destino histórico” (GOHN, 2013, p. 34).</p> <p>“É algo importante perceber que a realidade social é transformável; que feita pelos homens, pelos homens pode ser mudada; que não é algo intocável, um fado, uma sina, diante de que só houvesse um caminho: a acomodação a ela. É algo importante que a percepção</p>	<p>participado da comunidade e vá dizer assim: Ah! Tem essa necessidade, então vamos rezar, vamos pedir a Deus que resolva, não. Essa pessoa através do CEPA, do trabalho das irmãs, vai entender que a reza faz parte, é importante rezar, mas, o fazer, a realização se dá a partir desse fazer coletivo, vamos se unir (DIRIGENTE I, Diário de Campo, 30/05/2018).</p> <p>Nós estamos em uma área de vulnerabilidade social muito forte, então assim, pelo agravamento econômico, também temos outros quadros [...] a nossa instituição ela é esse campo de conscientização, então sem dúvidas, como que as pessoas podem emitir, como podem ter cada vez mais essa certeza como agente de transformação, se ele também não vai conhecendo a sua própria realidade (DIRIGENTE II, Diário de Campo, 30/05/2018).</p> <p>Nós estamos no piso da prevenção, então assim, isso a gente não perde de vista, estamos num espaço de garantia de direitos como sujeitos, como pessoas, nessa emancipação, empoderamento, nesse seu processo de reconhecimento e conscientização, sem dúvida. E na colaboração que eles uma vez conseguindo fazer as suas descobertas e ao mesmo tempo colaborando com o meio, automaticamente ele também colabora no seu seio familiar. Então assim, é um processo de aprendizado contínuo e de também proporcionar ao seu convívio, seja pai, mãe, tio, avó, primos, enfim (DIRIGENTE II, Diário de Campo, 30/05/2018).</p> <p>E a gente tem buscado incentivar nesse sentido, vocês tem esse direito de multiplicar essas informações, por que na medida em que a gente aprende e ensina, a gente é educador e educando (PEDAGOGO I, Diário de Campo, 08/05/2018).</p> <p>[...] Fazendo com que as pessoas tenham voz e vez, dar voz e vez ao povo a partir deles mesmos, não que a gente vá ficar tipo: eu vou falar por você, tipo ser o representante do povo. Não, as pessoas da comunidade em si começam a despertar, ter essa</p>	<p>protagonistas de suas histórias, reconhecendo a importância de sua voz perante as demandas sociais da comunidade, do município, do estado, do país e do mundo.</p> <p>São práticas educativas que geram protagonismo, autonomia e conscientização, emancipam os educandos de uma visão conformista da realidade, da passividade frente às demandas sociais que estão expostas cotidianamente aos seus olhos. Assim, observa-se a importância da educação desenvolvida nestes espaços sociais, que propõem uma leitura crítica através da qual a realidade é pensada e vivida como algo que não é estático, o que está posto pode ser mudado.</p> <p>Desse modo, a educação popular torna-se relevante para que as crianças e adolescentes, conscientizados do seu papel social e comunitário, sejam agentes propiciadores de mudanças que beneficiem não somente a si mesmos, mas também ao coletivo, buscando estratégias capazes de modificar a realidade, superando os obstáculos.</p> <p>Assim, nota-se ainda que as atividades são desenvolvidas no sentido de que os educandos reflitam, discutam e construam uma nova visão sobre religião, machismo, racismo, e muitas outras temáticas importantes, tornando a construção do conhecimento um elemento importantíssimo para a construção de uma sociedade menos excludente, que tem na educação o caminho da transformação.</p> <p>Nesta perspectiva, nota-se também que através da conscientização gerada por esta educação popular emancipatória, os educandos são convidados a pensar coletivamente sobre as possibilidades de reconstrução da realidade, tendo a coletividade como elemento importante para a busca de direitos, e da igualdade social.</p> <p>Sendo assim, a emancipação social se constitui enquanto um dos pilares centrais</p>
---	--	---

<p>ingênua da realidade vá cedendo seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se; que o fatalismo vá sendo substituído por uma crítica esperança que pode mover os indivíduos a uma cada vez mais concreta ação em favor da mudança radical da sociedade” (FREIRE, 1981, p.33).</p>	<p>sensibilidade de que eles podem fazer alguma coisa, podem ser o diferencial (EDUCADOR I, Diário de Campo, 14/05/2018)</p> <p>Sujeitos menos tímidos; sujeitos mais participativos; sujeitos mais sensibilizados em relação aos aspectos da diversidade cultural; sujeitos críticos-reflexivos; conscientes dos seus direitos, deveres, sujeitos de autoestima; sujeitos que toma consciência das suas capacidades e limites (EDUCADORA III, Diário de Campo, 02/05/2018).</p> <p>O CEPA não veio para radicalizar com atitudes, mas pra trazer opções, saídas. Ao invés de ficar chorando por conta disso ou daquilo, tomar iniciativa, que é justamente a questão do protagonismo (EDUCADOR I, Diário de Campo, 14/05/2018).</p> <p>A partir do CEPA, eles me fizeram perder a questão do preconceito, foi bastante palestras que a gente tivemos, roda de conversa, a gente teve bastante rodas de conversas sobre o preconceito, tipo: racismo, machismo, essas coisas. Quebrou o tabu. E agora eu vi que o preconceito limita as pessoas em termo de conhecimentos (EDUCANDO I, Diário de Campo, 23/04/2018).</p> <p>Educando I: São pequenas coisas que mudam o pensamento da gente. Pequenas atitudes, pequenos diálogos, coisinhas simples que mudam o pensamento da uma pessoa (EDUCANDO I, Diário de Campo, 23/04/2018)</p> <p>[...] quando comecei no CEPA, pra mim só existia a religião católica [...] Aí depois eu fiquei pensando que isso era preconceito religioso, eu dizer que a minha religião estava certa e a do outro tá errada, sendo que é o mesmo Deus, seguindo os mesmo conceitos, só que formas diferentes de seguir o caminho certo[...] Eu nunca mais esqueci a conversa com a irmãzinha Ildete, que ela chegou e perguntou assim: Gente, vocês sabem o que é macumba?. Ela fez essa simples pergunta, aí eu fiquei pensando: - macumba até onde eu sei é</p>	<p>das práticas educativas desenvolvidas neste espaço, contribuindo para a construção de uma sociedade consciente.</p>
--	--	--

	<p>instrumento do diabo. Aí ela falou: macumba é um instrumento musical. Ela também falou do candomblé e coisa e tal, aí ela foi explicando e eu fui ficando curioso para aprender mais, tanto é que minha vida profissional só foi pra frente por conta disso, por que eu fui aprendendo mais as questões da cultura. Porque quando você entra no CEPA, você enriquece muito em questão de cultura, questão de como é a dança de cada uma, e você sempre se fortifica com a cultura (EDUCANDO IV, Diário de Campo, 23/04/2018).</p> <p>A formação de sujeitos de direito articulam as ações, o trabalho nas oficinas, visando à transformação social (PALESTRANTE, Diário de Campo, 16/04/2018).</p>	
--	---	--

Fonte: Quadro construído a partir dos dados que emergiram do campo de pesquisa .

6 CONCLUSÕES

Retomando a pergunta inicial que provocou esta pesquisa, que foi: que convergências pedagógicas são possíveis entre os projetos de educação popular dentro do CEPA/CARUARU?

Temos a dizer o seguinte, conforme o pesquisa que empreendemos, tendo em conta a experiência do Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), caso que estudamos:

- i) Sobre os princípios pedagógicos dos projetos educativos dentro do CEPA, as conclusões apontam que estes princípios dizem respeito ao desenvolvimento da autonomia, conscientização, emancipação, sensibilidade, socialização, reflexão, criticidade, respeito ao outro, protagonismo, valorização cultural, dentre outros. Estes princípios têm suas bases na educação popular na perspectiva Freiriana e levam em conta a realidade social dos educandos e educandas, e isto é algo que perpassa todos os projetos educativos desenvolvidas na instituição, nos quais as atividades são desenvolvidas em um ambiente dialógico. Nessa direção, instiga leituras críticas por meio das rodas de conversa sobre temas diversos, partindo de sua comunidade como fonte de inspiração e transformação, no sentido de que as ações impactem não só na vida dos educandos, mas também na vida de todos aqueles que os rodeiam, na comunidade como um todo. Desse modo, nosso objetivo de identificar os princípios pedagógicos dos projetos educativos dentro do CEPA, nos permitiu entender que, experiências que possuem a educação popular como eixo estruturante do trabalho desenvolvido, partem de uma prática social que propicia aos educandos e educandas o desenvolvimento da consciência crítica, permitindo-lhe olhar a sua realidade a partir de um olhar sensível e transformador. Buscam assim, o fortalecimento das potencialidades destes meninos e meninas, incentivando a capacidade de se colocarem no lugar do outro, sensibilizarem-se com as situações e os contextos, percebendo a educação como peça chave no desenvolvimento pessoal, social, profissional e cultural de cada um/a.
- ii) No que diz respeito às contribuições de educação popular como instrumento de emancipação de crianças e adolescentes em risco de exclusão, as conclusões apontam que a emancipação social se constitui enquanto um dos pilares centrais das práticas educativas desenvolvidas neste espaço, contribuindo para a construção

de uma sociedade consciente. Nas práticas educativas de todos os projetos desenvolvidos no CEPA que envolvem educandos, os educadores trabalham na perspectiva de gerar protagonismo, autonomia e conscientização, cada uma a seu modo, respeitando as singularidades dos sujeitos. Isto, na perspectiva de contribuir para que os educandos e educandas se tornem sujeitos críticos e reflexivos, e tenham autonomia para questionarem a visão conformista da realidade e a passividade frente às demandas sociais que estão expostas cotidianamente aos seus olhos. Desse modo, sendo instrumento de emancipação, a educação popular é, conseqüentemente, instrumento de transformação social destas crianças e adolescentes e do contexto no qual estão inseridos. Sendo assim, nosso objetivo de caracterizar as contribuições de educação popular como instrumento de emancipação de crianças e adolescentes em risco de exclusão, nos possibilitou entender que, a educação popular desenvolvida nos diversos espaços sociais que trabalham com crianças e adolescentes em risco de exclusão, contribui de modo significativo para que os sujeitos marginalizados e excluídos, possam reconhecer-se como sujeitos que possuem direitos, deveres e potencialidades, que através da educação os permitem ler o mundo de um modo crítico-reflexivo, reconhecendo-se como agentes propiciadores de mudanças sociais para si e, sobretudo, para o coletivo. O que nos permite afirmar que de fato, a educação popular é um importante instrumento de emancipação social dos sujeitos, principalmente, se estes sujeitos estiverem em um de contexto de vulnerabilidade social, que leva à exclusão.

Sendo assim o objetivo geral de compreender que convergências pedagógicas são possíveis em projetos de educação popular dentro do CEPA/CARUARU, nos proporcionou compreender que diversas convergências são possíveis entre os diferentes projetos oferecidos no CEPA para com as crianças e adolescentes, principalmente quando tem-se os princípios da educação popular como elemento estruturante de todos eles. Consideramos neste sentido, que esta convergência diz muito sobre as várias convergências que foram emergindo no decorrer da pesquisa: a metodologia de base dialógica que direciona as atividades e convida para reflexão, para a sensibilização do olhar sobre o seu contexto e sobre o mundo; o desenvolvimento de práticas que levam à conscientização tanto das crianças quanto dos adolescentes, a partir de atividades sobre a importância da construção coletiva, para formação cidadã e humana dos sujeitos; o direcionamento de aprendizagens que refletem na vida cotidiana dos educandos, na

melhoria das relações sociais, voltando-se para a socialização do indivíduo com o outro, com o meio e com o mundo em que vive; ações educativas que propiciam que os educandos(as) conheçam seus limites e potencialidades, resgatando a autoestima, despertando o senso crítico- reflexivo, e a importância do posicionamento diante das situações; e a contribuição no processo de construção social dessas crianças e adolescentes, trabalhando de maneira a desenvolver a autonomia, a criatividade, o empoderamento e tantas outras competências e habilidades que levam a emancipação social destes sujeitos.

As práticas educativas buscam atingir finalidades comuns no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos, transcendendo os conteúdos técnicos de cada atividade, ensinando para a vida, plantando a semente da transformação social nas crianças e adolescentes através de uma educação libertadora, que tem suas bases fixadas na educação popular. E nesse sentido, nota-se também que através do ambiente educativo dialógico em que os educadores se colocam na posição de mediadores de conhecimento, as práticas educativas de um modo geral, são realizadas visando o fortalecimento das potencialidades através de uma educação emancipatória, que permite aos sujeitos serem protagonistas de suas histórias, reconhecendo a importância de sua voz perante as demandas sociais do contexto no qual estão inseridos, percebendo a sua importância como sujeito.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA, M. S. X. . Educação popular em movimentos sociais: construindo concepções e práticas educativas. In: Lauro Pires Xavier Neto. (Org.). **Educação Popular**. 1ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 2007, v. 1, p. 214-226.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- CARRILLO, Alfonso Torres. A educação popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Educação Popular: lugar de construção social e coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CEPA, Projeto Político Pedagógico do. Agosto, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, M. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. Como Classificar as pesquisas?. In. GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** Gil. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação nãoformal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. Educação Popular e movimentos sociais. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Educação Popular: lugar de construção social e coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LAGE, Allene Carvalho. **Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal. Volume I – Dissertação de Doutorado**. Orientador: Boaventura de Sousa Santos. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2005.
- LAGE, Allene Carvalho. **Educação e Movimentos Sociais: caminhos para uma pedagogia de luta**. 1. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa. In. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do "Skylab"**. Revista Crítica, nº 11, maio, p. 9-59. Coimbra: CES, 1983.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. In. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. Rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Ana Inês. Como a educação popular se reinventa na prática de um centro de educação popular: A experiência do CEFURIA. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Educação Popular**: lugar de construção social e coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.